



Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Artes

PROJETO FINAL DE GRADUAÇÃO - MU999

**O ENSINO DE PIANO NO BRASIL E A
TERCEIRA IDADE: QUEBRANDO MITOS
E ESTIGMAS PARA UMA
APRENDIZAGEM MAIS INCLUSIVA**

Luana Regi Sanches

RA: 201725

Curso: Licenciatura em Artes - Música

ORIENTAÇÃO: Silvia Cordeiro Nassif

Cidade Universitária "Zeferino Vaz"

Campinas – SP

Outubro/2024

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca do Instituto de Artes
Silvia Regina Shiroma - CRB 8/8180

R263e Regi Sanches, Luana, 2000-
O ensino de piano no Brasil e a terceira idade : quebrando mitos e estigmas para uma aprendizagem mais inclusiva / Luana Regi Sanches. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador(es): Silvia Cordeiro Nassif.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Artes.

1. Pedagogia do piano. 2. Educação inclusiva. 3. Gerontologia. 4. Envelhecimento saudável. 5. Música e idosos. I. Nassif, Silvia Cordeiro, 1963-. II. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Artes. III. Título.

Informações complementares

Título em outro idioma: Piano teaching in Brazil and the elderly : breaking down myths and stigmas for a more inclusive learning

Palavras-chave em inglês:

Piano pedagogy

Inclusive education

Gerontology

Healthy aging

Music and older people

Titulação: Licenciada em Artes - Música

Banca examinadora:

Silvia Cordeiro Nassif [Orientador]

Adriana do Nascimento Araujo Mendes

Data de entrega do trabalho definitivo: 05-11-2024

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de explorar o campo da aprendizagem do piano pela terceira idade no Brasil através de revisão bibliográfica com análise qualitativa, originada do entendimento de dois aspectos: primeiro, a trajetória do ensino de piano no Brasil e sua herança na sociedade atual e segundo, o processo de envelhecimento e suas implicações na área da Educação. Após a compreensão desses dois fenômenos, uma terceira parte da monografia aborda a pedagogia do piano ao público da terceira idade, trazendo questões do ensino-aprendizagem musical para essa faixa etária e a análise de dois projetos de extensão universitária existentes no Brasil que contemplam o ensino de piano para idosos.

Palavras-chave: Pedagogia do Piano; Aprendizagem Inclusiva, Envelhecimento Saudável; Gerontagogia Musical.

AGRADECIMENTOS

Após seis anos de graduação, apresento essa monografia de conclusão de curso. Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para com a minha formação.

Dessa forma, mais especificamente, sou grata à professora Nívea, que em 2006 olhou para mim em sala de aula e pediu para que minha mãe me colocasse em aulas de piano, pois sentia que eu tinha afinidade com a música e que, depois de 18 anos, recebeu-me como estagiária em suas aulas; à minha mãe, que me colocou, sim, nas aulas de piano, e também fomentou, durante toda a minha adolescência, o desejo de entrar para uma faculdade e a fazer o que eu gosto; ao meu pai, que comprou um teclado usado e pensava que eu ia ser "fogo de palha", mas que sempre me apoiou ao longo da minha trajetória na música; ao meu irmão, que me ouviu estudar rítmica pela casa e que aparece até hoje na porta do meu quarto para fazer graça; à "tia" Cristina, que em meio a bolos de cenoura e risadas, foi a melhor primeira professora de piano que alguém poderia ter; à minha professora de Geografia do Ensino Médio, Mari, e ao professor Robson, que sempre me incentivaram a sonhar e fizeram com que eu me apaixonasse ainda mais pelo ensinar; à Angela, que me orienta atualmente no estudo do piano e me incentiva a cada aula; às docentes Prof^a Dr^a Silvia Cordeiro Nassif, que também foi minha orientadora neste trabalho, e Prof^a Dr^a Adriana Mendes, do curso de Licenciatura em Música do Instituto de Artes; aos meus amigos da graduação e aos de fora dela também, por tornarem tudo mais leve; às minhas psicólogas, Karina e depois, Lara, que fizeram eu ponderar sobre pegar 40 créditos em um semestre; ao Thiago, o meu porto-seguro, que escutou por todos esses anos eu falar sobre a graduação e que hoje escuta sobre outras mil coisas mais. Aos meus alunos mais velhos, que me ensinaram que não existe nada que nos impeça de aprender algo novo.

SUMÁRIO

1	Introdução	6
2	Objetivos	8
3	Metodologia	8
4	O piano no Brasil: trajetória e possíveis empecilhos às novas abordagens	10
5	A terceira idade: envelhecimento e aprendizagem	13
	5.1 Envelhecer no Brasil	13
	5.2 Viver e aprender	15
6	A música e o idoso: relacionando estigmas e analisando projetos	17
	6.1 Aprendizagem musical	17
	6.2 "Meu tempo é hoje: o piano na terceira idade"	18
	6.3 "PIN: piano como INstrumento de INformação, INclusão e INterdisciplinaridade"	20
7	Considerações Finais	22
8	Referências	23

1 INTRODUÇÃO

Como estudante da graduação de Licenciatura em Artes, com habilitação em Música, a autora do presente trabalho propõe uma revisão bibliográfica da temática do ensino-aprendizagem de piano no Brasil para o público da terceira idade, levando em conta as crenças que se tem acerca do ensino deste instrumento, pautado em um *habitus conservatorial* concebido ao longo de séculos (Pereira, 2013), considerando-se também o crescimento da população idosa no país (IBGE, 2023), juntamente à preocupação com o envelhecimento ativo (Organização Mundial da Saúde, 2005) e suas implicações na Educação. Os fenômenos mencionados serão explorados e entrelaçados na discussão da presente monografia a fim de tentar dismantelar conjecturas existentes acerca do processo ensino-aprendizagem de piano para a terceira idade no cenário brasileiro.

Tendo uma trajetória de aprendizado do piano diversa ao longo de sua vida e uma atuação como professora do instrumento através de aulas particulares desde 2016, a autora apresentou interesse na busca sobre a história do ensino de piano no Brasil, preocupando-se em descobrir as raízes do que foi engendrado sobre o aprender do instrumento e suas consequências, bem como não se esquecendo de expor novas abordagens de ensino-aprendizagem na modernidade. O almejo à pesquisa apresentada pela autora vem da herança de seus últimos seis anos como aluna do curso de Licenciatura em Música pela Universidade Estadual de Campinas e seu contato com docentes que sempre insistiram na investigação do papel do professor em sala de aula e na importância da pesquisa. Segundo a professora Menga Lüdke, educadores que possuem o estímulo à pesquisa em sua formação, habilitam-se em:

Problematizarem, analisarem, criticarem e compreenderem suas práticas, produzindo significado e conhecimento que direcionam para o processo de transformação das práticas escolares. Todavia, reflexão não é sinônimo de pesquisa e o professor que reflete sobre a sua prática pode produzir conhecimento sem, necessariamente, ser um pesquisador. Quando ele avança, indo ainda além da reflexão, do ato de debruçar-se outra vez para entender o fenômeno, encurta a distância que o separa do trabalho de pesquisar, que apresenta, entretanto, outras exigências, entre as quais a análise à luz da teoria (Lüdke, 2005, p. 8).

O pensamento de democratização da prática pianística - no presente trabalho, voltado à terceira idade - foi semeado desde o início da carreira científica da autora em

seu projeto de iniciação científica financiado pelo CNPq, sob supervisão da Dra. Fabiana Fator Corrêa Bonilha, no estudo da tecnologia assistiva e da musicografia braille como ferramentas contribuintes à inclusão da pessoa com deficiência visual na prática musical. A pesquisa gerou mais de oito novas peças do repertório de piano transcritas em musicografia braille e o artigo científico intitulado "O processo e as tecnologias de transcrição de partituras como ferramentas contribuintes à inclusão da pessoa com deficiência visual na prática musical" (Regi Sanches e Bonilha, 2020). Junto à orientadora, foi trabalhado, no período, o conceito de inclusão, que também faz-se de suma importância nesta monografia, a qual apresentará novas abordagens da pedagogia do piano, ou seja, abordagens mais inclusivas ao público selecionado, "considerando seus aspectos fisiológicos, cognitivos, psicológicos e afetivos" (Janunzzi de Salles e Reis, 2021).

No que diz respeito à população idosa, outro disparador para atenção ao tema foi o tornar-se responsável pela iniciação ao piano de um aluno de idade 60+ no ano de 2023. Após anos de atuação como professora de instrumento, foi a primeira vez atuando como educadora para tal faixa etária. Como o discente apresentava algumas limitações físicas relacionadas ao processo de envelhecimento, como enrijecimento da articulação dos dedos e perda auditiva unilateral severa, ficou evidente a necessidade de uma abordagem pensada a partir das demandas do aluno em questão.

Por fim, a ideia central da monografia, que objetiva quebrar mitos e estigmas acerca do aprendizado de piano pela terceira idade, foi impulsionada após a autora se deparar com o trabalho de Janunzzi de Salles e Reis (2021), que depois do mapeamento de artigos publicados em anais de congressos e encontros anuais da Associação Brasileira de Educação Musical e da Associação Nacional de Pesquisa Pós-Graduação em Música, a *Revista da ABEM* e a *Revista Opus*, observaram a ausência de obras cujo conteúdo fosse relacionado à pedagogia de piano para essa faixa etária. No recorte temporal de 2003 a 2020, não foi encontrada nenhuma pesquisa que tratasse do ensino de piano para idosos, fato que instigou a autora desta monografia a pesquisar de forma mais profunda esse tópico, a fim de contribuir para a produção de trabalhos análogos e difusão da temática em questão.

2 OBJETIVOS

O trabalho desenvolvido tem como objetivo geral a revisão bibliográfica de publicações sobre o ensino de piano na terceira idade, como ponto de partida para reflexões que possibilitem desconstruir certos mitos e estigmas que envolvem o aprendizado de piano nessa faixa etária. Como objetivos específicos, podem ser citados:

- Refletir sobre a trajetória da pedagogia do piano no Brasil;
- Entender o processo natural de envelhecimento;
- Estudar a relação entre envelhecer e aprender;
- Investigar aspectos relacionados à educação musical na terceira idade;
- Apresentar existentes projetos de extensão de universidades brasileiras que contemplam o ensino do instrumento para a população idosa;
- Fomentar a temática de pedagogia de piano para terceira idade no meio científico do país.

3 METODOLOGIA

No presente trabalho buscou-se, primeiramente, o entendimento de conceitos ligados ao processo de envelhecimento e à trajetória do ensino de piano no Brasil através de uma revisão bibliográfica com análise qualitativa, a fim de compreender quais os possíveis estigmas e mitos existentes relacionados ao ensino-aprendizagem de piano para terceira idade, examinando as relações humanas e sociais presentes nesses contextos. Nos conceitos de Minayo, a pesquisa qualitativa:

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2001, p. 21).

Em segundo lugar, para demonstrar o surgimento de novas abordagens dentro da pedagogia do piano no Brasil atual, como ruptura às crenças analisadas dentro dos fenômenos citados, foi feito o estudo de artigos e publicações aludidos ao tema do

aprendizado na faixa etária selecionada e foram levantadas análises acerca de projetos de extensão oriundos de universidades públicas brasileiras que exploram o processo de ensino-aprendizagem do piano pela população madura.

O primeiro capítulo de análise e desenvolvimento da monografia, ao tratar da trajetória do ensino de piano no Brasil, ressalta a presença de um *habitus conservatorial* dentro do percurso da pedagogia do instrumento, conceito cunhado no doutoramento de Pereira (2013, p. 1), como "práticas tradicionais de ensino de música, institucionalizadas pelos conservatórios, e que estariam ainda hoje orquestrando percepções e ações de agentes dos campos artístico e educativo".

A denominação *habitus* vem da sociologia de Bourdieu (2009, p. 93) e é designada como um "passado operado e operante [...] que garante assim a permanência na mudança". Dessa forma, a primeira parte do trabalho objetiva investigar as influências da trajetória da pedagogia do piano na possível desmotivação no aprendizado do instrumento, refletida na ausência de materiais bibliográficos a respeito do ensino dessa modalidade para a terceira idade e no discurso comum que se tem acerca da necessidade obrigatória de uma exposição precoce ao instrumento, "visto que geralmente um virtuose inicia seu estudo o mais jovem possível" (Tomanik, 2011, p. 8).

No segundo capítulo, explora-se o processo de envelhecimento, também na tentativa de encontrar crenças errôneas relacionadas a essa faixa etária, como o mito da velhice, que podem ser outra influência na baixa produção de trabalhos dentro da temática, afastando a pedagogia do piano da busca por novas abordagens. Segundo Moragas (1997, p. 24 *apud* Luz, 2008, p. 35):

O mito da velhice como etapa negativa se baseia em pressupostos incertos. A maioria dos idosos não tem limitações, nem suas vidas são negativas e dependentes (...). A velhice se constitui uma etapa vital que pode ter elementos de desenvolvimento pessoal, embora esse desenvolvimento vá em direção contrária aos valores predominantes na sociedade atual: força, trabalho, poder econômico e político.

É neste capítulo também que se aborda o conceito de envelhecimento saudável a partir de estudos da área da gerontologia, definida por abarcar o processo de de envelhecimento em suas "variáveis sociais, psicológicas, demográficas e econômicas" (Gil, 2015, p. 216) e da gerontagogia, precisada como "uma ciência híbrida resultante

da prolífica combinação entre a gerontologia educacional - especialização multidisciplinar em si - e a educação do envelhecimento¹" (Lemieux e Martinez, 2000, p. 482 *apud* Gil, 2015, p. 218).

Por fim, na última seção, são declarados aspectos ligados à aprendizagem musical na terceira idade, através do estudo da obra *Educação Musical na Maturidade* do autor Marcelo Caires Luz e "Música e idosos, um estado da arte (2003-2020) e a ausência da pedagogia do piano", das autoras Ana Maria Janunzzi de Salles e Carla Silva Reis. Ademais, são apresentados os projetos "Meu tempo é hoje: o piano na terceira idade" da Universidade Federal de São João del-Rei e "PIN: piano como INstrumento de INformação, INclusão, e INterdisciplinaridade" da Universidade Estadual de Maringá, como exemplos práticos da quebra dos estigmas existentes acerca do aprendizado do piano por idosos.

4 O PIANO NO BRASIL: TRAJETÓRIA E POSSÍVEIS EMPECILHOS ÀS NOVAS ABORDAGENS

Segundo Fucci Amato (2007), a vida da classe alta que se instalou no Brasil, a partir do Segundo Império, era dominada pelas descobertas científicas e criações artísticas europeias, não sendo diferente, portanto, da prática do piano e seu ensino nesse período da história, que também tinha forte influência do outro continente. A chegada de Artur Napoleão e Leopoldo Miguez, no Rio de Janeiro, e de Luigi Chiaffarelli, em São Paulo, fundou o que a autora chama de virtuosidade pianística nacional, sendo o piano, o "príncipe dos instrumentos" e o "símbolo do êxito social" (Lenoir, 1979 *apud* Fucci Amato, 2007, p. 2), primeiramente restrito à nobreza.

Nas últimas décadas do século XIX, o advento do piano em terras brasileiras fez com que surgissem novos hábitos socioculturais, como o nascimento dos conservatórios musicais, a aparição de professores particulares, saraus e recitais de piano. O instrumento tinha, então, a sua função social mais explorada do que a educativa e também era fortemente associado às moças da época, consideradas mais

¹ No original: "[...] a new hybrid science resulting from the prolific combination of educational gerontology - multidisciplinary specialization in itself - and education of aging" (Lemieux e Martinez, 2000, p. 482 *apud* Gil, 2015, p. 218).

prendadas por possuírem a técnica pianística, como menciona Junqueira (1982 *apud* Fucci Amato, 2007).

Durante as décadas iniciais do século XX, os conservatórios e escolas especializadas em ensino de música ganharam força, tendo uma base sobretudo europeia, com foco no repertório dos séculos XVIII e XIX e a promoção dessas instituições ligada às apresentações públicas dos melhores e mais dedicados alunos (Fucci Amato, 2006). Nessa altura, com muitas famílias de imigrantes já há certo tempo no país e o crescimento do seu respectivo poder aquisitivo, o piano ganhou espaço também nos lares da classe média (Fucci Amato, 2007).

No artigo "O piano no Brasil: uma perspectiva histórico-sociológica", resultado da tese de doutorado da mesma autora, ela realiza entrevistas com ex-professores e ex-alunos do Conservatório Musical de São Carlos (CMSC) nas décadas de 1950 e 1960, nas quais se observam discursos como "a mulher era muito pouco valorizada e sua função era decorativa e de entretenimento leve, no qual o piano se encaixava perfeitamente"; "o motivo de eu estudar piano era tocar para as visitas, esse era o valor cultural que tinha na época" e depoimentos que apontam a posse do diploma como uma satisfação para os familiares, não sendo um problema o fato de nunca mais tocar piano. Além disso, investiga-se a relação entre o estudo de piano e a questão dos "dons inatos", frequentes no meio artístico e, principalmente, na área musical (Fucci Amato, 2007, p. 7).

A partir de 1990, de acordo com o trabalho de Purcino e Purcino (2023), observa-se que a pedagogia do piano desbrava um caminho mais decolonial, em que, segundo os autores, faz-se necessária a "reconexão ao que lhe é próprio e o desejo de transcendência à normatividade europeia, imposta por tantos anos", não com o intuito de rejeitar ou desvalorizar o modelo europeu, mas de investigar novas abordagens operantes em outras formas de expressão musical (Purcino e Purcino, 2023, p. 4).

Ainda dentro da mesma literatura, é mencionado que educadores musicais de gerações passadas, como Dalcroze e Koellreutter, já exploravam novas possibilidades pedagógicas no âmbito musical, levando ao entendimento da indispensabilidade de um processo consciente de ensino-aprendizagem do piano, que "não apenas fabrique

intérpretes e perpetue programas do século XIX, [...] alheios à realidade social brasileira, mas que encaminhe e transforme-os [os alunos] em seres integrais com uma consciência universalista" (Purcino e Purcino, 2023, p. 7).

Apesar disso, ao analisar a constituição histórica do ensino superior de música no Brasil, Pereira (2013) identificou características de ensino profundamente ligadas ao modelo conservatorial, como o individualismo no processo de ensino, a primazia da performance, o desenvolvimento técnico no instrumento com vista ao virtuosismo e o dogma do talento inato do caráter seletivo dos estudantes. Segundo o autor, esse *habitus conservatorial* tem comprometido, até os dias de hoje, o ensino que se propõe para todos e "não somente para os 'talentosos' " (Pereira, 2013, p. 8).

Em conclusão, diante das obras apresentadas, somadas aos relatos extraídos do texto de Fucci Amato (2007), evidenciam-se possíveis crenças socioeconômicas e culturais que foram construídas ao longo dos séculos, acerca do aprendizado de piano no Brasil, como sua forte associação à(s)/ao(s):

- manutenção de um status;
- foco no produto final;
- virtuosismo;
- crença nos dons inatos;
- distância da realidade social;
- função feminina.

Levando em conta que o público da terceira idade dos dias de hoje são os indivíduos nascidos na segunda metade do século XX e que o *habitus conservatorial* ainda marca presença nas instituições de formação de possíveis professores de instrumento e pesquisadores, é de suma importância a reflexão acerca desses credos e da possível relação dos mesmos com a ausência de pesquisas nas últimas duas décadas que abordam a pedagogia do piano para idosos, como analisado por Janunzzi de Salles e Reis (2021).

Sendo já apresentadas as possíveis crenças existentes acerca do aprendizado de piano, foca-se, a partir daqui, na faixa etária para qual o presente estudo converge: a

terceira idade. Para isso, é essencial a assimilação do processo de envelhecimento para expor também os valores que pairam sobre o imaginário da sociedade acerca da figura do idoso.

5 A TERCEIRA IDADE: ENVELHECIMENTO E APRENDIZAGEM

5.1 ENVELHECER NO BRASIL

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a população idosa define-se por indivíduos de 65 anos ou mais no caso de países desenvolvidos e 60 anos ou mais em nações em desenvolvimento. No Brasil, o Estatuto da População Idosa estabelece que o grupo etário de idade igual ou superior a 60 anos faz parte dessa população².

Em 2022, o Censo Demográfico do IBGE indicou a existência de aproximadamente 32 milhões de pessoas idosas no país (15,8% de uma população total) de 203 milhões de habitantes, marcando um acelerado processo de envelhecimento populacional no Brasil, o qual, em 2010, atingia a marca de 20 milhões de idosos (11% da população). Dessa forma, com o crescimento da terceira idade na nação brasileira e visando a discussão de temas relacionados a esse grupo etário, é premente o entendimento do processo de envelhecimento que, segundo Gil (2015, p. 214), é designado por:

[...] um processo dinâmico e multidimensional que vai ocorrendo ao longo da vida de cada um. Este processo está sob a influência de fatores endógenos e exógenos que vai evoluindo numa base onde pontua a heterogeneidade e a singularidade de cada indivíduo. Neste sentido, como é defendido por Paola (2012), o envelhecimento não deve ser considerado como o resultado de uma doença nem de um “erro evolutivo”, mas como o resultado de um processo normal de cada ser vivo.

O envelhecimento, apesar de ser um fenômeno normal, como definido acima, traz em seu bojo crenças que acabam por reafirmar o que Mercadante (2003 *apud* Luz, 2008, p. 36) chama de "identidade de velho", produzida e reproduzida na sociedade e na mídia - a qual representa essa faixa etária, muitas vezes, estigmatizada e tida como

² Lei no. 10.741, de 1o de outubro de 2003 (alterada pela Lei no 14.423, de 2022). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 28/08/2024.

incapaz - afastando o restante da população de considerar o idoso como um "ser dotado de capacidades biológicas, psíquicas e sociais" (Luz, 2005, p. 17). Segundo Zimmerman (2000 *apud* Luz, 2005), o envelhecer pressupõe, sim, alterações físicas, psicológicas e sociais, porém como consequências naturais e gradativas e não determinadas de uma única vez ou em uma data estipulada.

De acordo com Luz (2005), o estigma da velhice, entrelaçado às conjecturas mencionadas, acaba por estabelecer uma visão negativa e depreciativa desse curso da vida, o que pede uma mudança de perspectiva sobre o envelhecimento, contemplando a ideia de construção e transformação, ainda que seja desafiador enfrentar os preconceitos em relação às capacidades dos idosos, que são sempre comparadas com o referencial das capacidades dos jovens.

As crenças mais positivas sobre o processo de envelhecimento e a discussão sobre o chamado "envelhecimento bem-sucedido" começaram a ganhar força nas décadas de 1950 e 1960, com os estudos na área da gerontologia, por pesquisadores de países europeus, por conta da grande proporção de população idosa saudável nas comunidades dessas nações (Teixeira e Neri, 2008 *apud* Lima; Silva e Galhardoni, 2008).

A partir disso, o envelhecer saudável atrelou-se à interação de múltiplos fatores como: saúde física e mental, independência de vida diária, integração social, suporte familiar e independência econômica, resultando em diversas iniciativas internacionais que valorizavam a possibilidade de encarar essa etapa vital como um momento de bem-estar, prazer e qualidade de vida (Lima; Silva e Galhardoni, 2008). Como exemplo dessas iniciativas, tem-se a declaração da Organização Mundial de Saúde (OMS) no ano de 2005, que estabeleceu a política de "envelhecimento ativo", declarando que este é "o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas" (OMS, 2005, p. 13).

A declaração baseia-se em reconhecer os direitos humanos das pessoas mais velhas, nos princípios de "independência, participação, dignidade, assistência e auto-realização", especificados pela Organização das Nações Unidas (ONU). A palavra ativo, ligada ao "envelhecimento" diz respeito à "participação contínua nas questões

sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis", sem contar apenas com a capacidade de estar ativo fisicamente ou ser parte da força de trabalho (OMS, 2005, p. 13).

Tendo em vista essa atenção que começou a ser dada à população idosa a partir da segunda metade do século XX e o crescimento desse grupo etário no Brasil e no mundo, com o passar dos anos, bem como a preocupação de um envelhecimento bem-sucedido em diversos âmbitos, o presente estudo volta-se agora à área da Educação, abordando questões relacionadas às relações de aprendizagem na terceira idade.

5.2 VIVER E APRENDER

Enquanto a Gerontologia analisa o processo de envelhecimento, a Gerontagogia enxerga a Educação sob a luz de métodos e técnicas orientadas à terceira idade, fazendo parte desses estudos a investigação acerca dos aspectos ligados a uma educação *para* e *com* esse grupo e do processo de ensino-aprendizagem como um espaço que permita a troca de conhecimentos e de experiências entre jovens, adultos e cidadãos mais idosos (Gil, 2015).

Segundo Zolotow (2012 *apud* Gil, 2015), a Gerontagogia cria contextos onde se aprende por simples prazer, de uma forma integrativa e inclusiva, aprofundando as relações humanas. Uma formação que se baseia nessa área de estudo permite uma melhor adaptação da terceira idade na sociedade atual, pois preocupa-se com a complementaridade, a emancipação, o esclarecimento e a instrumentalização crítica.

Gil (2015) dá como exemplo de formação que segue os princípios da Gerontagogia as chamadas Universidades para a Terceira Idade (UTI), que surgiram em 1973 na Universidade de Toulouse, na França. Os objetivos dessas UTIs eram: abrir o espaço acadêmico para os cidadãos que se encontravam, em sua maioria, aposentados e dessa forma, provavelmente muito afastados das instituições de ensino; promover a participação cívica; diminuir o isolamento e proporcionar um melhor equilíbrio psicossociológico; gerar contextos para desafios e objetivos de vida novos e, por fim, viabilizar um ambiente favorável à investigação do processo de envelhecimento.

As Universidades para a Terceira Idade tornaram-se, em Portugal, redes sociais alternativas (Jacob, 2012 *apud* Gil, 2015), uma vez que eram um meio que permitia o acesso a um fim social, relacionando-se com diversas propostas realizadas por pesquisadores da área da Educação, como a defendida por Paulo Freire de que o processo educativo/formativo é um processo colaborativo (Carreras, 2005 *apud* Gil, 2015).

Ainda de acordo com a obra de Gil (2015), encontram-se as orientações da educadora Cristina Fernández-Portero, as quais podem ser implementadas em sala de aula junto à população mais idosa, de uma forma mais pragmática, como perspectivas de: ordem visual (boa iluminação e não necessidade do uso da visão periférica na formação das mesas e cadeiras); auditiva (fala do professor em tom mais grave e combinação da linguagem corporal à oral); psicomotora (organização do espaço visando a mobilidade); memorização (utilização de listas e diagramas); motivação (contemplação de experiências já vivenciadas pelos formandos) e auto-estima (promoção de um reforço positivo dentro de um ambiente em que todos possam se expressar com respeito e mútua confiança).

Dentro do mesmo trabalho, Gil (2015) destaca Nicola (1999), trazendo a premissa de que, seja qual for a metodologia utilizada, é essencial conhecer as características das pessoas idosas com as quais se vai trabalhar, para assim compreender melhor suas atitudes. Além disso, outro ponto ressaltado é o do papel do educador de uma turma de terceira idade, que poderá atuar no fortalecimento da autoestima desses indivíduos, fazendo com que os mesmos sintam-se parte do processo formativo, promovendo, assim, o que Both (1998 *apud* Gil, 2015) chama de um ensino *com eles e não por eles e para eles*.

6 A MÚSICA E O IDOSO: RELACIONANDO ESTIGMAS E APRESENTANDO PROJETOS

6.1 APRENDIZAGEM MUSICAL

Tendo em vista os estigmas ressaltados, seja no âmbito do ensino-aprendizagem do piano ou no que diz respeito às pessoas idosas e sua relação com a aquisição de novos conhecimentos, é compreensível o fato da terceira idade acreditar no cenário negativo que se projeta ao pensar em um desenvolvimento musical, como salienta Luz (2005, p. 23 e 24):

Não se pode deixar de registrar que a existência de uma certa resistência inicial ao "novo", ou seja, um ceticismo às novas propostas é muito frequente e peculiar no comportamento dos idosos. [...] queremos tratar de uma capacidade a mais que é atribuída às pessoas que estudam música, de um certo dom e [...] da indiscutível função de sedução afetiva que, normalmente, leva as pessoas a atribuírem um certo nível de magia [...]. Esse fato pode justificar, por parte dos idosos, a construção dessa falsa distância entre a realidade de se poder fazer música, ser um músico ou um estudante de música.

No que diz respeito à Educação Musical, para o enfrentamento desses estigmas, o autor propõe atividades baseadas em "vivências e atividades lúdicas, constituídas por exercícios rítmico-melódicos que foram pedagogicamente escolhidos", sempre destacando a importância da experiência e da desinibição musical, como acrescenta Azambuja (1995 *apud* Luz, 2005, p. 24): "a emissão de sons, ritmos próprios e melodias é uma atividade prazerosa e alegre, que permite aos idosos exteriorizar e conscientizar-se de seus próprios sons, até o momento inibidos".

Em relação ao ensino-aprendizagem do piano, ao considerar o ofício do pianista como uma formação que prevê uma precocidade da iniciação do instrumento, uma valorização do repertório como meio de classificação, uma grande dedicação de tempo ao estudo e um estilo de vida voltado à música erudita (Reis, 2020 *apud* Janunzzi de Salles e Reis, 2021), a ideia de promover aulas de piano para a terceira idade pode gerar frustração para profissionais preparados para exercer esse modelo de ensino, podendo o professor "duvidar da importância de se estudar um instrumento na idade adulta, dando às aulas um caráter terapêutico" (Janunzzi de Salles e Reis, 2021, p. 6). Para seguir um rumo diferente desse padrão, as autoras propõem a investigação de

novas metodologias e estratégias didáticas, que envolvam, por exemplo, a exploração dos sons, o ensino por imitação e o uso de grafias não convencionais.

Para além disso, procura-se compreender as motivações da terceira idade para estudar um instrumento, levando em consideração o fato de que esses alunos já possuem uma concepção do significado de "música". No trabalho mencionado, tais motivações citadas giram em torno de: realização de um sonho antigo, melhora na qualidade de vida ou a busca de uma atividade que fuja à rotina, valendo ressaltar que, geralmente, não há uma busca de profissionalização. Tal fato, acaba por desmotivar um aluno idoso que se depara, em uma aula de piano, com "exercícios mecânicos isolados de um contexto musical" (Janunzzi de Salles e Reis, 2021, p. 7).

Face ao exposto, a partir daqui, este estudo apresenta dois projetos de extensão vinculados a universidades federais e estaduais do Brasil, como exemplos concretos de abordagens que levam em consideração os aspectos vinculados à terceira idade e à trajetória do ensino de piano no país, trazendo uma perspectiva mais inclusiva quanto à aprendizagem do instrumento.

6.2 "MEU TEMPO É HOJE: O PIANO NA TERCEIRA IDADE"

O projeto "Meu tempo é hoje: o piano na terceira idade" teve início no ano de 2022 na Universidade Federal de São João del-Rei e foi criado para ser o "locus" de uma pesquisa de mestrado, cujo objetivo era investigar o ensino-aprendizado de piano na velhice. Em seu primeiro ano de atividade, foram oferecidas aulas individuais de piano para idosos por monitores da universidade e encontros coletivos que reuniam esse grupo de alunos e professores. No ano seguinte, entretanto, as aulas passaram a ser em duplas para os alunos ingressantes a fim de aprofundar os estudos da modalidade ligada à terceira idade e também para estimular a socialização entre os participantes.

A pesquisadora que estabeleceu a iniciativa como seu "locus" de estudo, publicou, junto a outros autores, o trabalho intitulado "Piano em grupo na velhice: investigando novas possibilidades", o qual refere-se às experiências vivenciadas dentro da iniciativa. Nele, o ensino de piano em grupo desenvolvido no projeto é descrito

como similar às propostas de Robert Pace acerca dessa forma de ensino, uma vez que o mesmo expressa que "devemos considerar o piano em grupo como um meio, não um fim em si. Isso coloca uma ênfase diferente no material, no processo de ensiná-lo e nos resultados esperados" (Pace, 2022, p. 20 *apud* Janunzzi de Salles *et al.*, 2023, p. 4). Entretanto, no que diz respeito à aprendizagem, o programa se distancia do autor, uma vez que não visa o desenvolvimento de repertório, mas também atividades de musicalização, improvisação e composição. De acordo com os autores do trabalho mencionado:

O ensino para idosos foge ao padrão tradicional de ensino aluno-docente, em que existe uma relação de subordinação entre quem aprende e quem ensina. Logo, na modalidade de aulas em grupo, podemos ser professores, mas talvez não sejamos sempre os líderes do grupo (Janunzzi de Salles *et al.*, 2023, p. 5).

O layout para o ensino de piano em grupo (EPG) adotado no projeto foi o de um piano acústico para a dupla de alunos e a não utilização de tecnologias como projetores e computadores por conta da limitação do espaço do local em que ocorreram as aulas - região central da cidade, com o propósito de favorecer a maior participação dos idosos.

Quanto aos materiais utilizados, além dos livros *Piano Safari for the older student* (Julie K. Hague e Katherine Fischer), *Adult Piano Adventures* (Nancy e Randall Faber) e *Pianíssimo* (Elvira Drummond), obras individuais avulsas fizeram parte do repertório dos estudantes. A escolha dos mesmos se deu por conta de aspectos como a não utilização de linguagem infantilizada e a existência de comentários e preparação para a execução das peças. Tratando-se das peças avulsas, a aprendizagem por imitação foi explorada, bem como a ferramenta de numeração dos dedos.

Ainda segundo Janunzzi de Salles *et al.* (2023), ao longo das aulas em duplas desenvolvidas no projeto, foram observados alguns fatores como: a prática domiciliar para quem possui o instrumento em casa ser um facilitador para a fixação de conteúdos, mas não ser determinante no que se refere ao desenvolvimento do aparato físico-motor; a interferência de fatores fisiológicos, como a piora de uma perda auditiva, ser motivo para que uma das alunas optasse por parar com as aulas, e a apresentação em um sarau como parte de um processo e não de um resultado final, não sendo observado o sentimento negativo de competição. A questão da motivação

para aprender um instrumento também foi discutida em momentos de socialização no encontro de grupos maiores.

Levando em consideração o envelhecimento como um processo natural, a velhice como a celebração da vida e não como finitude e a realidade sociocultural brasileira, o projeto destacou como benefício observado a socialização dos idosos nas aulas de piano em grupo, que "tem tornado a aprendizagem dos alunos mais leve, prazerosa e interativa" (Janunzzi de Salles *et al.*, 2023, p. 13), uma vez que, "a participação em atividades de aprendizagem favorece o desenvolvimento da autoeficácia como fator protetivo para o envelhecimento" (Ramos, 2003 e Hyung Hur, 2016 *apud* Janunzzi de Salles *et al.*, 2023, p. 13). Os autores também mencionam Cobalchini, 2020, ao salientarem que "se assumir como um sujeito aprendente, em que se dispõe a manter-se ativo na construção de novas interações com a realidade, repercute de forma a promover melhor qualidade de vida" (Cobalchini, 2020 *apud* Janunzzi de Salles *et al.*, 2023, p. 13).

Como próximos passos do projeto "Meu tempo é hoje: o piano na terceira idade" têm-se a continuidade das aulas coletivas e o pleito, junto à universidade, da criação de um laboratório de teclados, a fim de possibilitar a expansão do programa.

6.3 "PIN: PIANO COMO INSTRUMENTO DE INFORMAÇÃO, INCLUSÃO E INTERDISCIPLINARIDADE"

Assim como o projeto mencionado anteriormente, "PIN: piano como INstrumento de INformação, INclusão e INterdisciplinaridade" também não centra seus esforços em desenvolver e melhorar a técnica pianística, mas sim "o bem-estar aliado ao autoconhecimento corporal e emocional", sendo o mesmo um curso de extensão e tido como um caminho para os alunos de terceira idade vencerem "limitações de diversas naturezas" (Araújo Filho e Cordeiro, 2019, p. 3).

A iniciativa teve origem no ano de 2016, fazendo parte do projeto triádico da Universidade Estadual de Maringá: ensino, pesquisa e extensão. Através do ensino de piano em grupo, foca-se no desenvolvimento do indivíduo e na experiência coletiva dos idosos, a fim de salientar a importância da inclusão e da construção de conhecimento.

Para além disso, o autor menciona que o PIN trabalha com atividades fomentadoras da "alfabetização musical; geografia do piano; educação da audição seletiva; construção da propriocepção através da consciência corporal; literatura musical diversificada; experiência de palco, desenvolvimento social, entre outras" (Araújo Filho, 2022, p. 265).

Como fundamentação teórica nesse curso de extensão, tem-se o pianista e pesquisador José Alberto Kaplan, uma vez que o mesmo é "referência no aprendizado crítico/reflexivo do piano e na mutação de procedimentos pedagógicos que correspondam às novas e reais necessidades do ensino/aprendizado contemporâneo" (Araújo Filho, 2022, p. 266). Dessa forma, cunhou-se um processo de alfabetização musical que valorizava as experiências e vivência do educando.

No projeto, os encontros coletivos entre os estudantes ocorreram no laboratório de pianos digitais do Departamento de Música (DMU) da universidade e foram guiados por um professor efetivo do mesmo departamento e um discente do curso de graduação de instrumento. O curso ofertou seis módulos até o ano de 2022 e contou com a participação de 10 a 15 integrantes (Araújo Filho e Cordeiro, 2019). Segundo Araújo Filho (2022), a iniciativa teve seu alicerce no "novo" para a terceira idade, promovendo descoberta e experimentação para essa faixa etária que, muitas vezes, teme a novidade.

O idoso tem opiniões formadas e conceitos cristalizados. Ele, muitas vezes, não acredita no poder vital de suas potencialidades e capacidades, que podem ser desenvolvidas nesta etapa de sua vida. Por vezes, o idoso acredita que sua vida não terá mais transformação. [...] A partir da música, ele poderá cantar suas dores e amores, suas perdas e ganhos, reconhecendo-se em seu fazer musical. Dessa forma, elabora conteúdos internos, afetivos e emocionais, num processo contínuo de estruturação e ordenação, mas, ao mesmo tempo, de maleabilidade e descobertas (Souza, 2002, p. 876 *apud* Araújo Filho, 2022, p. 271).

De acordo com Araújo Filho (2022, p. 272), o projeto PIN, através da extensão universitária, consegue contribuir para a formação e desenvolvimento social dos educandos, buscando uma sociedade "plural, democrática e atenta ao necessário e importante estado de mutação" do Brasil.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral a revisão bibliográfica de publicações sobre o ensino de piano pela terceira idade no Brasil, a fim de compor uma base sólida para reflexões que visam desconstruir mitos e estigmas associados à aprendizagem desse instrumento por pessoas idosas.

Depois da apresentação da trajetória da pedagogia do piano no país e a identificação da influência do *habitus conservatorial* no ensino do piano dos dias de hoje, algumas crenças foram salientadas no que diz respeito à aprendizagem deste instrumento no Brasil e no mundo. Outros estigmas também foram expostos na investigação sobre o processo de envelhecimento e a figura do idoso em relação à aprendizagem, evidenciando uma soma de preconceitos, quando se fala em pedagogia do piano para a terceira idade. Dessa forma, o presente trabalho trouxe à tona a importância de se repensar e transformar as abordagens pedagógicas pianísticas, visando a inclusão, de maneira eficaz e significativa, da população idosa no universo do ensino-aprendizagem de piano.

Os estudos sobre o processo de envelhecimento demonstraram que muitos desses preconceitos associados à velhice não se sustentam quando confrontados com dados reais. Como foi visto, a ideia de que idosos são incapazes de aprender novas habilidades - como desenvolver-se musicalmente na idade madura - é infundada. Entretanto, apesar do crescimento dessa população no Brasil e da sucessiva preocupação com o envelhecimento ativo, ainda existe uma lacuna significativa na literatura científica do país, tratando-se da temática em questão. Tal ausência, identificada no trabalho de Janunzzi de Salles e Reis (2021), destaca a necessidade de mais pesquisas e publicações nessa área, contribuindo para uma visão mais democrática do ensino de piano.

Os projetos de extensão universitária, como "Meu tempo é hoje: o piano na terceira idade" da Universidade Federal de São João del-Rei e "PIN: piano como INstrumento de INformação, INclusão e INterdisciplinaridade" da Universidade Estadual de Maringá, demonstram como a educação pianística pode ser acessada pelos idosos de forma prática, visando o desenvolvimento pessoal de cada estudante e a

promoção de experiências coletivas. Dessa forma, a extensão universitária, aqui, é um dos caminhos que podem ser seguidos e fomentados para que o conhecimento acadêmico seja aplicado em função das diversas demandas e plurais realidades da sociedade.

Por fim, a autora da presente monografia espera que esse trabalho inspire outros pesquisadores e educadores a explorar mais profundamente a pedagogia do piano *com* as diversas faixas etárias e, mais especificamente, com a população idosa, objetivando uma educação pianística mais próxima dos diversos contextos e vivências de cada indivíduo presentes no Brasil, uma vez que, segundo Freire (1996), é função do educador o seu comprometimento em criar possibilidades para a produção e construção de conhecimento.

8 REFERÊNCIAS

ARAÚJO FILHO, Alfeu Rodrigues de; CORDEIRO, Dilber Gonçalves. *3ª IDADE: o piano como instrumento educacional*. In: 2º ENCONTRO ANUAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA UEM, 2019. *Anais....* Maringá, 2019.

ARAÚJO FILHO, Alfeu Rodrigues de. Extensão universitária: origem, metodologia e ações do projeto PIN no processo de educação e formação musical na sociedade contemporânea. *Revista Concilium*, v. 22, n. 6, p. 264-273, 2022.

BOURDIEU, Pierre. Estruturas, *habitus*, práticas. In: BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. Capítulo 3.

FREIRE, Paulo. Não há docência sem discência. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Capítulo 1.

FUCCI AMATO, Rita de Cássia. Educação pianística: o rigor pedagógico dos conservatórios. *Música Hodie: periódico do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Goiás*, v. 6, n. 1, p. 75-96, 2006.

_____, Rita de Cássia. O piano no Brasil: uma perspectiva histórico-sociológica. In: XVII CONGRESSO DA ANPPOM, 2007, UNESP. *Anais....* São Paulo, 2007.

GIL, Henrique. Educação gerontológica na contemporaneidade: a gerontagogia, as universidades de terceira idade e os nativos digitais. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, v. 12, n. 3, p. 212-233, 2015.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Envelhecimento e o direito ao cuidado*. Nota informativa nº5/2023 da Secretaria Nacional da Política de Cuidados e

Família. IBGE, 2023. Disponível em:

<https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/mds-lanca-diagnostico-sobre-envelhecimento-e-direito-ao-cuidado/Nota_Informativa_N_5.pdf>. Acesso em: 07/08/2024.

JANUNZZI DE SALLES, Ana Maria; REIS, Carla Silva. *Música e idosos, um estado da arte (2003-2020) e a ausência da pedagogia do piano*. In: XXV CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, v. 4., 2021. *Anais...* On-line, 2021.

JANUNZZI DE SALLES, Ana Maria *et al.* *Piano em grupo na velhice: investigando novas possibilidades*. In: XXVI CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, v. 5., 2023. *Anais...* Ouro Preto, 2023.

LIMA, Ângela Maria Machado de; SILVA, Henrique Salmazo da; GALHARDONI, Ricardo. *Envelhecimento bem sucedido: trajetórias de um constructo e novas fronteiras*. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, v. 12, n. 27, p. 795-807, 2008.

LUĐKE, Menga. *O professor, seu saber e sua pesquisa*. *Educação & Sociedade*, v. 22, n. 74, p. 77-96, 2001.

LUZ, Marcelo Caires. *A Educação Musical na Terceira Idade: uma proposta metodológica de Sensibilização e Iniciação à Linguagem Musical*. São Paulo, 2005. 111f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

LUZ, Marcelo Caires. *Envelhecimento e educação musical - mitos e estigmas*. In: LUZ, Marcelo Caires. *Educação Musical na Maturidade*. São Paulo, SP: Editora Som, 2008. Capítulo 1.3.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *A pesquisa qualitativa*. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2001. Capítulo 3.

OMS, Organização Mundial da Saúde. *Envelhecimento Ativo: uma política de saúde*. Brasília, Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), 2005. Disponível em: <<https://iris.paho.org/handle/10665.2/7685>>. Acesso em: 28/08/2024.

PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros. *O Ensino Superior e as Licenciaturas em Música: um retrato do habitus conservatorial nos documentos curriculares*. In: XXIII CONGRESSO DA ANPPOM, v. 3, 2013, UFRN. *Anais...* Natal, 2013.

PURCINO, Géssica; PURCINO, Douglas. *Colonização na educação musical?: uma análise do ensino de piano à luz da colonialidade*. In: XXIII CONGRESSO DA ANPPOM, v. 33, 2023, São João del-Rei. *Anais...* São João del-Rei, 2023.

REGI SANCHES, Luana; BONILHA; Fabiana Fator Gouvêa. *O processo e as tecnologias de transcrição de partituras como ferramentas contribuintes à inclusão da pessoa com deficiência visual na prática musical*. Campinas, SP: 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/cti/pt-br/publicacoes/producao-cientifica/jicc/xxii-jicc-2020/artigos/pdf/jicc-2020_paper_3.pdf>. Acesso em: 16/09/2024.

TOMANIK, Aline Maria. *Um olhar sobre o ensino de piano para adultos*. Belo Horizonte, 2011. 115f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.